



UNICAMP

P14.22

EVENTO: Violoncelista David Darling em SP

VEÍCULO: O ESTADO DE SÃO PAULO

DATA: 09 nov 95

PÁGINA: D5

SEÇÃO: CADERNO 2



MÚSICA

Darling chega com seu violoncelo

Com instrumento de oito cordas, autor de trilhas de filmes de Godard e Wenders toca domingo em SP

ANTONIO GONÇALVES FILHO

O violoncelista David Darling, que toca domingo, às 21 horas, no Sesc Pompéia, no ciclo Imaginária 95, acaba de lançar na Europa seu disco *The Sea* (selo ECM, do alemão Manfred Eicher). Seus companheiros são o pianista Ketil Bjornstad, o guitarrista Terje Rypdal e o baterista Jon Christensen. O disco é uma obra-prima e prova que Darling está pronto para enfrentar um novo desafio: gravar as suítes para violoncelo de Bach.

Darling não se atreve a dizer, mas parece claro que essa gravação pretende ser para o violoncelo o que o registro das *Variações Goldberg* por Glenn Gould representou para o piano nos anos 50. Ele acha que pode tocar as suítes de diferentes maneiras a cada dia, consequência de sua atividade como improvisador. Seu disco *Cello*, lançado no Brasil, é o melhor exemplo de sua capacidade de improvisação, que ele define como uma mistura de técnica e manifestação fenomenológica do espírito.

Darling se tornou conhecido na Europa depois que Godard usou sua música no filme *Nouvelle Vague*. Wim Wenders ficou entusiasmado e convidou o violoncelista para compor temas de seus filmes *Até o Fim do Mundo* e *Tão Longe, Tão Perto*.

★
Caderno 2 — Sua associação com o cinema de Godard, Wenders e Capra suscita uma pergunta pertinente: você não teme que sua música se transforme em ilustração?

David Darling — Tenho consciência desse perigo e minha impressão a respeito do uso de um dos meus temas em *Nouvelle Vague* não é das melhores. Eu não o teria escolhido para comentar o filme de Godard, mas, enfim, ele é amigo de Manfred Eicher e achou que meu violoncelo combinaria com suas imagens. Com Wenders foi diferente. Ele queria um som apocalíptico em *Até o Fim do Mundo* e me chamou para gravar em estúdio. A abertura do filme deveria sugerir um

clima de escatologia bíblica. Ferir as cordas do violoncelo foi o correspondente sonoro dessa imagem. Não creio que, nesse caso, a música tenha se transformado em mera ilustração, mas em complemento.

Caderno 2 — Creio que nos dois casos, o de Godard e de Wenders,



David Darling gravando 'The Sea': disco é a obra-prima produzida pelo alemão Manfred Eicher

as imagens saem perdendo, porque seu violoncelo tem uma vocação wagneriana, ou seja, não deixa espaço para nada mais além da música.

Darling — É possível que você tenha razão, mas não penso em termos de obra de arte total. Por exemplo, escrevi os temas de *Cello* pensando em Samuel Barber, mais especificamente em seu *Adágio*, que dá um valor enorme às pausas. Queria fazer algo entre Barber e o canto gregoriano, lidando

com a tensão das cordas. Ou seja, algo delicado para valorizar o silêncio.

Caderno 2 — Esse silêncio tem algo de religioso?

Darling — Não no sentido convencional, mas creio que frequentar a igreja quando criança me fez muito bem. Esse espaço sagrado obriga a

refletir sobre sua condição no mundo e a ter uma relação mais harmoniosa com ele. Não estou falando de fanáticos, mas de uma imensa e abstrata catedral que representa o universo e não consegue ser vista. A idéia da comunhão é importante e creio que a música pode fazer isso. Diria até que tenho certeza dessa função, porque está provada sua capacidade de trazer artistas de volta ao mundo real.

Caderno 2 — Essa música funcional não escapa a categorias e um exemplo disso é que o som de David Darling já foi associado, por equívoco, à new age.

Darling — Foi mesmo um equívoco, mas a culpa não é minha. Não posso interferir na disposição dos escaninhos em lojas de discos. Já toquei no Paul Winter Consort, com Terje Rypdal, Oscar Castro Neves, Peter Kater e Arlo Guthrie. Venho de uma família conservadora que torcia para eu não tocar jazz, o que acabei

fazendo, e estudei música erudita na melhor escola que existe nos Estados Unidos. Não acho que minha música possa ser reduzida a uma trilha da nova era. Ela tem potencial para descrever um fenômeno físico, mas é essencialmente uma manifestação de caráter individual, uma composição que cria uma nova relação espacial graças à transformação da energia em improviso.

Caderno 2 — Você inventou um violoncelo de oito cordas de difícil afinação, que normalmente é usado como sucedâneo de um bizarro coral. Qual foi sua origem?

Darling — Ralph Towner toca uma guitarra de 12 cordas e eu imaginei que era possível acrescentar também algumas ao violoncelo, o que fiz com a ajuda de um garoto que participou de um workshop comigo. É um instrumento que resiste ao tonalismo e obriga os outros a se adaptar a ele. O disco *Eight String Religion* é uma prova disso.

PROXIMO
PROJETO É
GRAVAR SUÍTES
DE BACH